

Representações da diáspora judaica em Pepetela

Representations of the Jewish diaspora in Pepetela

Célia Maria Borges Machado

Universidade Federal de Uberlândia
celiadoutoradoufu@gmail.com

Palavras-chave: Pepetela, diáspora, judeus, cultura, literatura e ficção.
Keywords: Pepetela, diaspora, Jews, culture, literature and fiction.

É consenso entre teóricos da literatura, historiadores e pensadores que história, memória e ficção são elementos que se cruzam sempre. Nesse movimento de cruzamento de temas e debates está a questão da diáspora, retomada especialmente em diversas obras ficcionais e historiográficas. Assim sendo, ganha destaque e é transformada em um dos conceitos centrais para se compreender as novas formas institucionais no início do século XXI, passando a ser discutida em diferentes lugares sociais, cujas reflexões florescem com o advento dos Estudos Culturais que intercambiam debates na Antropologia, na Sociologia e, logicamente, na Literatura, lugar privilegiado a partir do qual será estabelecida a reflexão nesse trabalho.

Para o pesquisador Bernardo Sorj, o conceito de Diáspora ficou esquecido ao longo do século XX, por estar associado “à análise que delimitava o espaço das sociedades modernas ao Estado Nacional” (Sorj, 2016, p. 1). Porém, ao se observar que instituições reprimidas pelo paradigma do estado nacional emergiram a partir dos novos processos de globalização, o fenômeno é retomado como objeto de investigação científica, sendo então elaborado como um fenômeno social em plena expansão. Segundo Sorj, nos dias atuais, “praticamente toda emigração tende a se auto-representar como uma diáspora, o que leva as ciências sociais a denominar as antigas «comunidades de emigrantes» de «etnias desterritorializadas»” (Sorj, 2016, pp. 1-2).

Em tempos contemporâneos, a diáspora está ligada ao maciço movimento de populações em várias partes do mundo, aos conflitos étnicos, aos sistemas tecnológicos de comunicação e de transporte, às questões ambientais, aos avanços do crime organizado e, especialmente, à crise do estado-nação, conforme os estudos de Sorj (Sorj, 2016). Isso se dá porque o estado-nação não consegue resolver sozinho os problemas transnacionais nem as crises internas que enfrenta.

Bernardo Sorj aponta, ainda, o sucesso da diáspora judaica e seu apoio ao Estado de Israel como um dos elementos de prestígio que traz à baila as discussões sobre o tema. Ele menciona que Du Bois, o líder negro dos Estados Unidos e fundador do pan-africanismo, chamava a atenção para a forma como o movimento sionista¹ tinha logrado êxito, sendo, assim, inspiração para os negros da América do Norte.

Se o movimento negro iniciado por Du Bois tinha como espelho a diáspora judaica, esta, por assim dizer, construiu sua identidade a partir da relação tempo-espaço em determinadas condições sociais, históricas e culturais. Moacyr Scliar, escritor e ensaísta brasileiro afirma em *Judaísmo, dispersão e unidade* que “Das areias do deserto emergiu o monoteísmo; da necessidade de coesão grupal surgiu o código de ética mosaica” (Scliar, 2001, p. 11). Ele afirma ainda que “o templo aparece como a resposta religiosa à necessidade de união nacional” e que “o cristianismo e as seitas messiânicas correspondem às expectativas apocalípticas de um povo subjugado e em intenso conflito interno” (Scliar, 2001, p. 11). Ou seja, as condições que levaram à união e identidade do povo hebreu em constante movimento ao redor do globo terrestre fizeram-se matriz para os povos em diáspora no mundo contemporâneo.

Assim, buscando se manter como povo de única identidade, segundo a raiz bíblica, o povo escolhido, os hebreus mantém viva sua história e memória. Desse modo, a partir do deserto, forjaram uma identidade marcada por uma história particular, uma cultura singularizada, criando e mantendo seus mitos, ritos e a memória do grupo em estreita coesão comunitária em qualquer lugar do mundo.

Ressalta-se, porém, que toda a singularidade do povo hebreu é o elemento a denotar sua diferença frente ao Outro. Em *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Kathryn Woodward afirma que ao se examinar os sistemas de representação “é necessário analisar a relação entre cultura e significado”, pois, a compreensão desses, envolve elementos tais como a forma em que se deu a formação das identidades e os processos envolvidos em sua formação. A teórica diz ainda ser necessário investigar “em que medida as identidades são fixas ou de forma alternativa, fluidas e cambiantes” (Woodward, 2014, p. 17). Para ela: “Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeitos eles produzem” (Woodward, 2014, p. 17). E mais: Kathryn argumenta ser necessário mudar também a posição do olhar para se perceber “como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior” (Woodward, 2014, p. 17), isto é, no movimento da cultura, é necessário observar o momento em “que o foco se desloca dos sistemas de representação para as identidades produzidas por aqueles sistemas” (Woodward, 2014, p. 17), por isso a importância dos textos ficcionais para se pensar os sistemas de representação.

¹ Movimento sionista ou sionismo: O sionismo foi a principal força por trás da criação do Estado de Israel. Idealizado e divulgado pelo jornalista e escritor austro-húngaro Theodor Herzl, esse movimento político defendia o direito dos judeus de terem sua pátria na região que a bíblia chamou de “Terra de Israel”. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/g1-explica-o-que-e-sionismo-judaismo-e-antisemitismo.html>. Acesso em 15/08/16

Em *Arrivistas e párias: os heróis e as vítimas da modernidade*, Zygmunt Bauman, refletindo sobre a identidade, afirma: “Psiquicamente, a modernidade trata da identidade: da verdade de a existência ainda não se dar aqui, ser uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade” (Bauman, 1998, p. 91). Para o filósofo, padrões, esperança e culpa são os elementos sociais que traduzem os parâmetros da modernidade. Segundo o teórico, os padrões acenam, fascinam e incitam, mas estão sempre à frente dos perseguidores, “sempre avançando adiante apenas um pouquinho mais rápido do que os que lhe vão no encalço. E sempre prometendo que o dia seguinte será melhor do que o momento atual” (Bauman, 1998, p. 91), isto é, os sujeitos estão sempre em uma constante busca, em um constante devir.

Em suas reflexões, Bauman afirma que o homem moderno precisa correr esbaforidamente para alcançar a identidade. Na esteira dessas reflexões, observa-se que o judeu, como sujeito moderno – lembrando que o Estado de Israel é criado em 1948, logo, os judeus são um povo sem pátria até esse ano – cumpre bem a tarefa da modernidade, isto é, está em constante movimento, seja ele cultural, social ou territorial. Diz o teórico: “Ser moderno significa estar em movimento” (Bauman, 1998, p. 92). Essa ideia configura a identidade judaica, tornando o judeu um representante desses novos tempos, pois ele é por excelência um nômade, estando sempre à procura de uma terra hospitaleira em que se fixar, um lugar em que possa fincar raízes, já que a qualquer momento torna-se o pária social e é condenado a sair do território que escolhera, buscando outras formas de constituir-se como sujeito, em um eterno vir-a-ser.

Vale lembrar que a história hebraica denota o permanente estado de inquietação dos judeus. Sua origem identitária já traz o convite à imigração, ao movimento de saída e ao contexto de perseguição e dor enfrentados por eles ao longo de sua história. Por exemplo, Elisabeth Roudinesco, ao discutir o tema *Judeu universal, judeu de território* tendo como referência as reflexões de Freud sobre a psicanálise e a condição judaica afirma ter sido a “transmissão de um legado, estudo dos textos, aceitação do exílio e da dispersão [...] ou uma judeidade sem território ancorada no saber (Roudinesco, 2010, p. 107) o que salvou o judeu do desaparecimento.

Essa representação está presente na literatura de inúmeros autores espalhados pelo mundo. O escritor angolano Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos – Pepetela vem fazendo esse registro de forma peculiar. Em suas obras, traduz por meio de um olhar irônico, de um discurso crítico e bem-humorado suas impressões de povos e sujeitos que perambulam pelos espaços geográficos sempre em busca de um novo ordenamento, uma nova configuração de mundo em que os diferentes tipos humanos estejam em comunicação, refletindo, articulando sobre as questões que os cercam. Personagens judeus estão, quase sempre, ilustrando essas representações. Os romances *A geração da utopia* (1992) e *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* (1997) trazem personagens judeus denotando essa movência.

Cabe ressaltar ainda que a literatura tem sido objeto de investigação pelas novas abordagens historiográficas e vem sendo considerada um campo fértil para se estudar a vida política de Angola. Nesse movimento, a obra de Pepetela ganha destaque por se perceber nela o caráter engajado de seu autor. Sua escritura torna-se relevante principalmente porque se traduz como um meio de resistên-

cia e combate, refletindo a insatisfação política e social presente na sociedade angolana, além de enunciar a crítica ferina do autor em relação aos sistemas de governo de seu país, seja no período colonial, seja no pós-colonial.

Salta aos olhos as múltiplas etnias que se destacam na obra de Pepetela, configurando a heterogeneidade de povos que compõem o país africano. Assim, os muitos homens das mais diferentes origens que por lá aportaram, buscando riquezas ou aventuras ganham destaque e, entre eles, estão judeus. Nesse sentido, faz-se necessário lembrar o caráter singularizado dessa pesquisa, uma vez que até o momento, a pesquisadora não identificou outros trabalhos ou leitores que se debruçaram sobre essa questão, isto é, a investigação acerca da representação judaica em romances de Pepetela. O trabalho aqui destacado também lançará um breve olhar sobre o movimento da diáspora judaica em terras angolanas e observará como Pepetela faz esse registro de forma peculiar.

No romance *A geração da Utopia* publicado em 1992, a representante do mundo hebreu é Sara, uma jovem estudante de medicina que se encontra em Lisboa, imbuída das responsabilidades estudantis a fim de sagrar-se médica e retornar à terra natal: Angola. Mas há outra peculiaridade dessa jovem: representa também uma pequena célula do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, cujo principal objetivo é subtrair sua nação do jugo português.

O foco narrativo do romance tem um caráter polifônico, isto é, apresenta um olhar em que personagens, o narrador e o autor implícito intercambiam mensagens. Já no primeiro capítulo intitulado “A Casa”, “O narrador, amparado pelo autor implícito, tem sua voz respaldada pela intensa aproximação de Sara, que é a principal responsável pela ambientação do capítulo” (Mattos, 2013, p. 19). Assim, esse leitor se vê envolvido pela figura da moça e suas andanças, bem como seus dilemas e angústias. Merece destaque o momento em que Sara rememora as lembranças de sua terra e o dia em que a deixara. A partir da voz narrativa, temos:

[...] O barco parou um dia em Luanda, os parentes do pai levaram-na a passear. Tragou com avidez todas as impressões, tentou fixar a cor vermelha da terra e o contraste com o azul do mar, o arco apertado da baía e o verde da Ilha, as cores variegadas dos panos e os pregões das quitandeiras. Sabia, começava o exílio. Essa ideia de exílio que se impregnou nela ao sair de Luanda fê-la chorar, quando o barco se afastou da baía iluminada à noite. (Pepetela, 2000, p. 11)

Ao chorar e lembrar o exílio, Sara recupera para o leitor ambientado com a questão judaica, o desencanto e a desesperança dos judeus quando contemplavam os caminhos que os levariam a terras distantes. Vale lembrar que o narrador emprega o termo “exílio” forte e poético, para referir-se à partida da personagem, como se a partir do olhar dela, ele nomeasse a sensação que o choro explicita, isto é, a dor e a saudade. Ele poderia simplesmente ter escrito “viagem”, palavra já carregada de conotação positiva, mas opta por exílio, conotando a melancolia experimentada por todos aqueles que vão embora de sua terra. Olhando a personagem, vê-se que ela carrega consigo outros elementos que a conduzem à essência judaica: os preceitos universais e genuinamente hebreus, tais como a hospitalidade ao estrangeiro, o respeito ao idoso, a caridade para com os pobres, comuns também aos povos em diáspora.

É necessário considerar ainda os preceitos morais e éticos de Sara. Ela namora um jovem angolano, jogador de futebol, que viera para a Europa contratado por um time português e também para estudar. Sara engravida e sabe que enfrentará muitos problemas por causa disso. Pela voz do narrador:

[...] Gravidez sem casamento já era um opróbrio para a família. E ainda por cima com um negro sem curso, jogador de Futebol.

O pai tinha muito orgulho de seus antepassados vindos há centenas de anos das terras de Israel. Contava a história a quem o quisesse ouvir. No século XIII tinham-se fixado em Portugal, fugidos doutras paragens da Europa. Por força das perseguições religiosas, trezentos anos depois de viverem em Évora, tinham aderido ao catolicismo e mudado o nome familiar para Pereira. Quase todos os cristãos-novos, termo por que eram conhecidos os judeus convertidos, escolhiam nomes de árvores. Escolhiam ou eram obrigadas a aceitar, isso não sabia. Mas, mesmo assim, as discriminações não terminavam. O avô dela tentou melhor sorte em Angola no princípio do século e o pai nasceu em Benguela. [...] Odiava os alemães, quaisquer que eles fossem, porque eram racistas. Nunca aceitara fazer negócio, por muito lucrativo que fosse, com um alemão. E havia uns tantos na região, ou fugidos do nazismo, ou fugidos depois da guerra por serem nazis. [...] No entanto, a prática era contrária ao discurso. [...] Ismael Pinheiro gritava que era contra o racismo, que só tinha provocado hecatombes na História, mas nunca um negro entrara em sua casa sem ser na condição de serviçal. (Pepetela, 2000, pp. 51-52)

As reflexões sobre sua vida pessoal e a situação em que se encontra conduzem-na à história coletiva de seu povo, à diáspora e a condição judaica, à aflição sentida por aquele que está quase sempre à margem, desterritorializado, sem família, sem lugar. Assim, há a perspectiva de se tornar uma estranha para o pai, para a família, e a utopia de viver livremente, cuidando dos pobres e desvalidos em uma Angola alforriada assombra seu desejo de liberdade pessoal, porque o poder soberano do pai, sacralizado na cultural figura paterna refrata a situação em que se encontra.

Por outro viés reflexivo, Sara, por assim dizer, vai “reviver” a história do passado, vai dar outra “guinada” na vida da família, já que seus antepassados se converteram ao catolicismo, mudando de nome, de país, forjando uma nova identidade e mudando o destino dos que viriam. Ou seja, ela está, de certa forma, copiando seus antepassados, mas, inscrevendo um elemento novo na diacronia familiar. Quer dizer, Sara assume a identidade africana e se coloca numa posição diferente da do pai, pois namora um homem negro e dele terá uma filha.

Outra observação a ser feita é que a gravidez não reprime seus desejos de luta, pois, juntamente com os demais jovens da MPLA, embarca em um transporte clandestino em direção à França, rumo à luta armada contra o exército português em solo angolano. Assim, em Sara tem-se a figura de dois povos marcados pela historicidade de duas nações: de um lado, o povo hebreu e seu passado aguerrido, sempre em luta pela sobrevivência, sempre numa fronteira, em um entrelugar, a partir do qual tenta vencer. De outro, o povo angolano também marcado pelos movimentos de resistência, pela luta contra as opressões, contra tudo o que o desconstrói como nação, como identidade.

Moacyr Scliar ao falar da condição judaica afirma que o judaísmo implica uma situação dinâmica que resultou de um grupo humano com vários outros grupos, nas mais diferentes épocas e em circunstâncias também diferentes, sejam elas políticas, econômicas, sociais ou culturais (Cf. Scliar, 1985). Esses elementos parecem estar inscritos na memória de Sara que tem um desejo imanente de luta, de ajuda e de movência: os pobres da terra, os estudantes da *Casa*², as senhoras pobres e os desvalidos portugueses são sempre alvo de suas benevolências. Onde quer que esteja, se alguém lhe pede orientações para algum mal, alguma consulta, está sempre pronta a ajudar, a oferecer seus conhecimentos médicos ou sua colaboração prestimosa.

Esses elementos também remontam à ideia de pertencimento e exílio do povo hebreu. Para Moacyr Scliar, o judaísmo é uma marca que não se dissolve. E podemos acrescentar: nem no tempo, nem no espaço, porque está ligado à história de um povo grupal. Todo o povo judeu está, por assim dizer, ligado a uma longa corrente humana “formada desde os tempos bíblicos até nossos dias, à corrente do judaísmo” (Scliar, 2000, pp. 25-26).

Há, portanto, vários movimentos de deslocamentos de Sara. Sai da casa paterna em Benguela para cursar o liceu em Lubango, faz um intercurso em Luanda, quando os parentes a levam para passear, antes de embarcar para a capital portuguesa e a chegada em Lisboa, onde terá residência fixa até se formar médica e, por fim, a fuga para a França, para a luta armada. Ou seja, é uma mulher em constante movimento conforme fizera seus antepassados, embora, é claro, as saídas ocorrem em novas circunstâncias.

Os deslocamentos também se fazem presentes em *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, obra publicada em 1997. O romance encena ficcionalmente um tempo em que os europeus se deram ao mundo pela ambição de enriquecer. Soldados e militares portugueses, holandeses e franceses estão em diálogo com personagens do romance, cujo núcleo principal é a família de Baltazar Van Dum, comerciante holandês que se instalara em Angola buscando a “árvore das patacas, a qual estava também em África e não só na Índia” (Pepetela, 1999, p. 17). Trazendo como pano de fundo a história de Angola, ocupada pelos holandeses, entre os anos de 1642 a 1648, o texto se desenrola pela voz de um narrador bastante irônico. Por meio dessa voz, os leitores vão se defrontando com os fazeres e viveres dessa família.

Personagens judeus transitam na obra. São eles: Manuel Pereira e Samuel Pinheiro. Manuel é de pouca expressão no contexto da obra. É casado com Gertrudes, a filha mais velha de Baltazar Van Dum. Feitor de uma fazenda, honesto, trabalhador, sequer lembra de seus antepassados. O narrador relata que Manuel Pereira era “feitor de uma plantação perto de Massangano” (Pepetela, 1999, p. 22) e concede poucas informações sobre ele. Diz ainda que o rapaz é “o que se chamava um cristão-novo e, como tal, tratado com alguma desconfiança” (Pepetela, 1999, p. 22), que também “não negava sua ascendência judia, mas se espantava,

² Trata-se da Casa dos Estudantes do Império – a CEI, fundada durante o governo de Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970), criada para fazer o controle e dar apoio aos estudantes das colônias africanas, entretanto, a Casa foi o ponto de encontro dos jovens estudantes, onde eles debatiam e construíam os processos de descolonização de seus países.

isso já fora há tanto tempo, não sei porque as pessoas ainda se importam” (Pepetela, 1999, p. 22).

Percebe-se assim que o personagem busca negar sua ascendência porque não se sente seguro ao enunciá-la, caracterizando, desse modo, o marrano, isto é, o judeu habitante da Península Ibérica, convertido ao cristianismo. Segundo Edgar Morin a conversão se dava “às vezes por crença e mais frequentemente por medo das perseguições (após 1391), e depois para evitar a expulsão (1492)” (Morin, 2007, p. 25). Vale destacar que a perseguição aos hebreus durante o período de colonização portuguesa se estendeu do século XII ao XIX, quando muitos deles foram queimados pelos inquisidores da Igreja Católica, o Tribunal do Santo Ofício.

Ao longo do romance o leitor não tem muitos detalhes ou informações sobre Manuel, a não ser o franco medo de ser perseguido dada sua ascendência. Mesmo tendo a proteção do comerciante e sogro Van Dum, não se sentia seguro em Luanda e, assim, se afasta para o interior, empregando-se como feitor. Já Samuel Pinheiro não se sente perseguido. Estabeleceu em Angola como comerciante e na terra se infiltrara, assemelhando-se aos muitos homens que por lá aportaram. Arguto negociador, tomara ciência da tomada de Luanda pelos holandeses e sai de Pernambuco para Angola, com o firme propósito de comercializar bebidas aos soldados. O narrador assim relata:

O pai do Pinheiro tinha tido problemas com a Inquisição em Évora, por ser cristão-novo. Tinha usado todos os esforços para fazer esquecer sua ascendência, deixando mesmo de morar na judiaria de Évora e como tinha algumas posses alugou casa perto da praça do Giraldo, a mais importante da cidade. Os filhos e ele próprio eram batizados e iam à missa aos domingos. Dava todos os anos o que podia para a Misericórdia, como faziam os Homens Bons. Apesar de todos os esforços, alguém denunciou à Inquisição que na sua casa se respeitava o Sabat e havia bruxarias. O Santo Ofício interrogou-o uma vez, mas sem conclusões. Tanto bastou para que os vizinhos, cristãos-velhos, lhe apedrejassem a casa e obrigassem a família a fugir, antes que alguém fosse para à fogueira. Passaram para Lisboa, apanharam o primeiro barco para a Flandres, se instalaram em Roterdão. Quando os holandeses tomaram Pernambuco, a Companhia das Índias Ocidentais encorajou os judeus fugidos de Portugal a mudarem para o Brasil, pois conheciam a língua e os costumes e seriam úteis como intermediários. A família respondeu ao chamamento e se instalou em Pernambuco. (Pepetela, 1999, p. 52)

Atento às questões de seu tempo, Samuel Pinheiro ouve falar da invasão holandesa em Angola. Assim, enche um navio de tonéis de vinho e para lá embarca, montando banca à beira do cais em Luanda. Acaba se dando bem e um dia, feliz da vida, deixa seu comércio nas mãos de um escravo alforriado, seu futuro cunhado, e segue para uma comunidade tribal a fim de pagar o alembamento³ à família e se casar com a moça que conquistara seu coração. Ao retornar com a jovem esposa, sequer percebe as mudanças na cidade e é preso pelo novo

³ Alembamento refere-se ao ritual da tradição angolana ou mesmo o casamento tradicional que consiste na celebração de uma cerimônia em que o homem se torna esposo da mulher, mediante rituais, tendo em conta os costumes regionais.

governador português à entrada da cidade. O narrador conta que Pinheiro não fora julgado “pelo crime de ter vindo para Angola durante a ocupação holandesa” (Pepetela, 1999, p. 405), pois o julgamento implicava “argumentações e procedimentos judiciais lentos e aborrecidos”. Desse modo, o rapaz “foi expeditamente queimado numa fogueira por ser judeu e ter fugido de Portugal para a Holanda, quando era criança” (Pepetela, 1999, p. 405).

Vale retornar aqui as reflexões de Kathryn Woodward – citadas no início desse trabalho – acerca das ideias de representação criadas por uma sociedade. O comerciante judeu estaria agora representando um pária, aquele que carrega uma culpa, e, portanto, deverá ser condenado. No espectro cultural do representante português, o judaísmo produz um mau sujeito, portanto, Pinheiro não poderá viver em um ambiente vertido pela ordem, logo é o elemento cultural que o condena. Ainda que ele tenha se visto como pertencente à terra, que tenha tomado como esposa uma mulher angolana, os hostes demoníacos o encontram e o condenam. Era uma anomalia que precisava ser cortada para demonstrar a força do Estado Nacional português, representado na figura do governador em Angola que comete tal crueldade por “puro simbolismo” (Pepetela, 1999, p. 405).

Zygmunt Bauman, ao refletir sobre as questões de identidade, afirma que toda sociedade produz seus estranhos. Em seus textos, deixa claro também que essa mesma sociedade traça fronteiras e cartografias cognitivas estéticas e morais. Segundo o teórico, essa sociedade “não pode senão gerar pessoas que encobrem limites julgados fundamentais para a sua vida ordeira e significativa, sendo assim acusados de causar a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e a menos tolerável” (Bauman, 1998, p. 27). Nesse sentido, não se poderia tolerar Samuel Pinheiro em uma comunidade vertida pela ordem; o estranho, o incomum, o causador dos males deveria ser eliminado.

Observa-se, assim, que a retomada do poder pelos portugueses necessitava da anulação de um estranho defeituoso. Pinheiro não poderia se livrar de suas estranhezas, logo era necessário dizimá-lo. Pelas palavras de Bauman, às pessoas ‘defeituosas’ “só se pode deixá-las livres delas próprias, acabadas, com suas inatas e eternas esquisitices e seus males” (Bauman, 1998, p. 29). Sendo assim, o arder de Pinheiro na fogueira do Santo Ofício representa a “aniquilação cultural e física” do judeu, portanto, uma anulação “criativa”.

Pela leitura empreendida, observa-se que tanto *A geração da utopia* quanto *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* traduzem o movimento dos judeus no mundo, resgatando memórias, histórias, culturas e pensamentos que merecem ser destacados e retomados pelos estudos literários e historiográficos.

Mas algumas considerações devem ser feitas: diferentemente do caso de Sara, em *A Gloriosa família*, a identidade judaica está bem mais presente. Trata-se de um passado recente, no presente do romance e, ser judeu para o personagem ainda diz muita coisa em suas relações com o resto dos personagens não-judeus. Em Sara a identidade judaica apresenta-se mais diluída, uma vez que ela não traz essa manifestação em sua vida pessoal, mas em seus antepassados. E vive uma diáspora própria, ilustrativa e representativa daquela vivida pelos africanos que, em tempos modernos, buscam um lugar em que possam viver, com certa coesão e justiça. A identidade judia de Sara se dissolve, porque ela assume a luta pela

libertação da Angola, denotando que é essa representação que escolhe assumir e é com esse grupo que deseja ser identificada. Já o Pinheiro da bodega de *A gloriosa família*, queimado na fogueira, tem um destino compactuado por inúmeros outros judeus que viveram durante o período inquisitorial. Assim, Pinheiro tem o destino dos judeus em diáspora; Sara, dos africanos, reatualizando o tema e trazendo novas reflexões.

Desse modo, essas obras reatualizam e reinserem o tempo vivido em um novo tempo, o de hoje, em que os estudos sobre dispersões e diásporas se fazem tão atuais e merecem profunda reflexão, bem como pensar na construção e reconstrução de nossas identidades. Pensar a diáspora é pensar também sobre o que nos leva a buscar aquilo que nos identifica, nos particulariza e, ao mesmo tempo, nos constitui como grupo.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (1998a) Arrivistas e Párias. In *O Mal-Estar da Pós-Modernidade* (pp. 91-105). Tradução de Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1998b) A criação e a anulação dos estranhos. In *O Mal-Estar da Pós-Modernidade* (pp. 27-48). Tradução de Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1993) Sobre o conceito de História. In *Magia, técnica, arte e política* (pp. 222-234). São Paulo: Brasiliense.
- Machado, C. B. (2015). Os romances de Pepetela: literatura e engajamento. *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis. 27 a 31 de julho de 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434416475_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2015.pdf
- Mattos, T. R. (2013). *As vozes narrativas de Pepetela: A geração da utopia e Predadores* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo.
- Morin, E. (2007). *O mundo moderno e a Questão Judaica*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Pepetela (1999). *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Pepetela (2000). *A geração da Utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Roudinesco, E. (2010). *Retorno à questão judaica*. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Scliar, M. (1985). *A condição judaica – das Tábuas da Lei à Mesa da Cozinha*. Porto Alegre: L&PM.
- Scliar, M. (2001). *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática.
- Sorj, B. (S/d). *Diáspora, Judaísmo e Teoria Social*. Disponível em www.bernardosorj.com/pdf/diasporajudaismoeteoriasocial.pdf.
- Sorj, B. (2010). Judaísmo, pós-modernidade e diáspora. In N. Bonder & B. Sorj, *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 70-89. ISBN: 978-85-7982-040-3. Available from SciELO Books.
- Woodward, K. (2014). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva et al. (Orgs.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.

Resumo

Neste trabalho apresento um breve olhar sobre personagens judeus presentes nas obras *A geração da utopia* e *A gloriosa família: o tempo de flamengos* de Pepetela. Tais personagens saem de sua terra natal de forma voluntária, mas experienciam as dificuldades e labutas de todo sujeito em diáspora, refletindo angústias e sofrimentos ilustrativos dessa experiência tanto na África como na Europa. Iluminadores dos estudos aqui tratados estão os seguintes teóricos: Stuart Hall, Home Bhabha, Moacyr Scliar, Zygmunt Bauman, Elisabeth Roudinesco, entre outros.

Abstract

In this study, I present a brief look at Jewish characters in the works *A geração da utopia* (1992) and *A gloriosa família: o tempo de flamengos* (1997) by Pepetela. Such characters leave their homeland voluntarily, but experience the difficulties and toils of every subject in diaspora, reflecting the anguish and suffering which are illustrative of this experience both in Africa and in Europe. Illuminators of the studies discussed here are the following theorists: Stuart Hall, Homi Bhabha, Moacyr Scliar, Zygmunt Bauman, Elisabeth Roudinesco, among others.